

sobre tudo

UM LOOP MORTAL: PERGUNTAS CRIADAS EM UMA FRAÇÃO DE SEGUNDOS

Fernanda Outeiro Domingues

O cheiro da sala de análise material do departamento de astrobiologia sempre foi predominantemente cafeína em forma gasosa. É a única coisa em comum entre o distrito de Titã e o de Ceres, além de terem os melhores astrobiólogos do Sistema Solar. Inclusive, foi uma viagem perfeita de lá para cá, exceto pela minha capsula de hibernação não ter me fornecido os melhores dos sonhos, tenho que pedir pro Carl do distrito Lunar ajustar isso pra mim, ele tá me devendo uma.

“Carl”

Carl Vicent 508

Engenheiro de Nanotecnologia

Distrito Lunar

Desde o momento em que pus meus pés no satélite natural, percebi que estava incomumente vazio, preferia assim, não estava com humor para conversas matinais sobre compostos orgânicos. Andei pelo corredor dos laboratórios ouvindo apenas meus passos ecoarem, me rendi a curiosidade de abrir uma porta qualquer à procura de um único

ser vivo ou uma IA, mas me deparei com um quadro vazio, livros fechados, microscópios com lâminas sem amostras e uma meia xícara de café abandonada com uma pequena mosca, que sai voando quando percebe minha presença. Com uma leve suspeita, segui para a sala de análise material.

Passsei pela descontaminação, a porta se abriu lentamente e ao tirar o traje de segurança, como de praxe o cheiro de café invadiu minhas narinas. As luzes se acenderam com a minha chegada, misturando-se com a neblina desinfetante. Sentado em minha mesa, estava IAin.

Eu estava morrendo de saudades do IAin, ele é meu melhor amigo desde minhas primeiras análises de vida microbiana em Vênus. Ele sempre foi um androide estranho, mas ele estava bizarramente nervoso hoje. Senti como se suas pupilas dilatadas estivessem me pedindo socorro, meu coração acelerou e, de alguma forma, sei que ele sabe.

-Bom dia, minha doutora esquisita favorita. Acabou de dissecar um sapo ou algo está te preocupando? – Perguntou com uma voz ansiosa.

-Oj, seu androide estranho. Só achei que teria mais gente no departamento hoje. Que horas são? Por que fui chamada aqui? – Fingi normalidade.

-São 3 AM, horário do hemisfério norte de Titã. Não tenho certeza do porquê foi solicitado sua vinda, não sabia que viria.

Minha suspeita só aumentava, mas sempre fui boa em esconder meus sentimentos. Solicitei que as luzes desligassem e que meu computador fosse ligado. A luz branca emitida pela tela iluminava meu rosto cansado e minhas olheiras fundas, pedi internamente por um trabalho complexo, minha cabeça implorava por mais. Meu pedido foi atendido.

“Doutora, Venho por meio desta mensagem solicitar os seus trabalhos para realizar uma análise cerebral. Preciso que sejam enviados os resultados em menos de 1 dia de Netuno. Material para análise estácabine de segurança biológica.

Ass: Gegovan, Departamento Policial de Netuno.”

Tenho 1 dia e 6 horas de Titã para enviar os resultados de uma análise cerebral. Maravilhoso.

Gegovan foi meu braço direito por todos os anos que trabalhei como perita criminal em Netuno, erámos os mais experientes e chegamos a bater o recorde de casos solucionados no Sistema Solar em um curto período de tempo. Não se falava em descansar enquanto ainda tínhamos um caso em aberto ou alguma questão sem resposta. Mas tudo acabou quando concluímos um caso em apenas 15 minutos, então passámos o resto do dia lendo sobre astrobiologia, acabei me apaixonando e passei os últimos anos intercalando entre Titã e Ceres.

- IAin, a cabine de segurança biológica está livre pra entrada? Preciso de... – IAin não estava mais na sala. Entretida com meus pensamentos sobre a solicitação, não havia percebido ele sair.

Levantei-me da cadeira em meio a escuridão e saí da sala. Enquanto meus olhos se acostumavam com a claridade, passei pela descontaminação e vesti meu traje. Andei pelo corredor calmamente, voando para longe junto à minhas expectativas da análise, os meus passos ecoando já não me atormentavam mais.

A parede da última curva do corredor foi o linear entre a ordem e o caos. Acordei de meu sonho alucinante quando me deparei com a porta da cabine aberta. Minha bomba de sangue parou de palpitar por um instante e voltou como um furacão, um suor banhou meu corpo em uma questão de segundos. Eu estava pálida, sem um pinga de saliva para molhar a garganta. Desesperadamente ordenei que as portas se fechassem e assim foi feito. Deixar a porta de uma cabine de segurança biológica aberta não está só entre a lista de “coisas que eu nunca devo

fazer antes de morrer”, mas também na de “últimas coisas que fiz no dia de minha morte”.

Agradei por ter somente eu e IAin por todo o departamento, menos risco de contaminação por algum perigo biológico ou algo similar. Fechei meus olhos, entrei na descontaminação e enquanto a fumaça encobria meu corpo, busquei recuperar a compostura.

O ar da sala era frio. Meu corpo congelava, o metal que substitui meus membros sempre transmitiu mais frio e o suor intensificava a sensação. Sentei na cadeira, o painel de materiais com análise pendente abriu diante meus olhos, meus dedos metálicos tremiam, sentia como se fossem cair, então solicitei o envio para a sala de análise o mais rápido possível.

O andar calmo não foi possível durante minha volta, sai da descontaminação e andei da forma mais rápida que pude, deixando um rastro de neblina descontaminante que se esvaia rapidamente. Chegando na sala, minha visão escurece e com ela meu corpo desaba no chão. Eu Preciso Respirar. Meus pulmões rejeitam o ar, minhas mãos apertam meu pescoço com força, é como se eu me afogasse no meu próprio oceano. Todas as vezes que isso acontece, minha única boia é a âncora que me afunda no mar do conhecimento, desta vez não será diferente.

Levantei com as pernas tremulas e me joguei aos braços da mesa holográfica. Então deixei minha mente esvair.

O cérebro é de um indivíduo da espécie humana. De um cadáver assassinado, deduzo, já que foi mandado pelo departamento policial, ainda por cima pelo Gegovan, um louco por casos de homicídio. Para um cérebro humano ser enviado para o departamento de astrobiologia, não poderia ser algo simples, então comecei a analisar o interior, já que superficialmente não havia nenhum dano.

Após a primeira abertura, me deparei com algo que eu nunca havia visto, lido e nem mesmo imaginado encontrar. Uma marca de um parasita cerebral. Semelhante ao fungo da formiga zumbi, só que em um cérebro humano. O parasita não só degradou por completo o interior como não se sabe o que fez o humano fazer antes de mata-lo. O mais preocupante, onde o parasita está? É um ser senciente? Qual

seu nível de inteligência? Onde estão os outros? Eu tenho milhares de perguntas criadas em apenas uma fração de segundo, que não teriam respostas tão fáceis.

A luz acendeu de repente, odeio que minha linha de raciocínio seja interrompida, especialmente agora. Me virei lentamente. Vi IAin. Rente ao meu rosto. Com um olhar desesperado.

- DOUTORA, VOCÊ PRECISA VIR COMIGO, ALGO TERRÍVEL ACONTECEU. –Gritou ele com medo.

Sem questionar o segui para fora da sala, passei pela descontaminação junto a ele com os piores pensamentos em mente. Mente. Parasita Mental. Onde ele estava mesmo? Como uma linda música, escutei um disparo. Senti a onda de sangue na minha boca. Senti lentamente a última batida de meu coração. Minha vida acabara por conta de um dos maiores mistérios. Que eu amaria solucionar.

IAin?

Eu

Morri?

O que acabou de acontecer? Eu experienciei como é a morte? Foi apenas um sonho? Uma invenção da minha cabeça? É real? Eu morri pelas mãos do IAin? Onde eu estou?

Abro meus olhos, sentindo com alívio meu coração batendo rapidamente. Nunca foi tão bom ter circulação sanguínea e um sistema respiratório em funcionamento estável. Olho para um lado, olho para o outro, eu estou no lado de fora do departamento de astrobiologia em Titã. Meu cérebro não foi capaz de me dar uma resposta amplamente plausível, preciso de mais informações.

Com a respiração ofegante mesclada com um grande sentimento de curiosidade, entro no departamento, novamente meus passos eram o único som que podia-se ouvir. Abri a mesma porta que abrira antes, mesmas coisas nos mesmos lugares: Um quadro vazio, livros fechados, microscópios com lâminas sem amostras e uma meia xícara de café abandonada com uma pequena mosca, que sai voando quando percebe minha presença. A mesma mosca, que sai voando da mesma forma. Em minha mente pisca uma ideia que não seria aceita por qualquer pessoa minimamente sã. Uma prisão do tempo, um loop temporal.

Com essa ideia, meu corpo é paralisado, mil pensamentos, mil paradoxos, mil impossibilidades desaguam sobre mim. Já havia chego a conclusão da minha insanidade eminente quando o Universo me cativou com seus enigmas, mas isso, isso é definitivamente loucura. Uma guerra interna entre o impossível e a possível intolerância a uma descoberta é iniciada. Talvez o primeiro sinal de um paradoxo.

Minha cabeça era comparável a um trem a vapor que não pararia tão rapidamente, seguindo a famosa lei da inércia, senti como se a fumaça da queima cerebral saísse pelos meus ouvidos. Andei rapidamente para a sala de análise.

-Bom dia, minha doutora esquisita favorita. Acabou de dissecar um sapo ou algo está te preocupando? – Perguntou IAin quando entrei na sala.

Era tudo perfeitamente igual da última vez, desde a frequência de sua voz até a ansiedade em sua fala. Aquela suspeita que me atordoava sobre seu nervosismo agora fazia completo sentido, pois hoje era o dia da minha morte pelas suas mãos, daqui exatos 17 minutos ele disparará uma arma contra meu peito. Será esse meu destino ou tem como mudar o passado? Devo dizer futuro?

- Horário? – Perguntei com receio da resposta.

- São 3 AM, horário do hemisfério norte de Titã. – Respondeu suspeito.

- O que você está fazendo aqui? O que fez antes de vir pra essa sala? Onde estão os outros?

- Tomou café de mais ou acordou mais interessada em mim?

- A cabine de segurança biológica. Você foi até ela?

Ele se levanta lentamente, mudando sua expressão brincalhona para séria de forma brusca. Eu olho fixamente em seus olhos. Meu coração acelera e, de alguma forma, eu sei que ele sabe. Dou três passos assustados para trás, entrando na descontaminação, ele vem andando em minha direção sem fazer um mísero som. Eu, num ato instintivo, aperto o botão para fechar a porta da descontaminação. Ele continua andando calmamente para mim, quando chega a porta de vidro abre um sorriso que me faz suar frio, mas seus olhos estranhamente ainda gritam socorro, que é externado com uma lágrima que desliza lentamente sobre seu rosto.

Eu me viro rapidamente e saio correndo para qualquer lugar, com a esperança de que a fumaça descontaminante esconda meus primeiros passos. Mesmo depois de anos de evolução, ainda se pode confiar no instinto primitivo, minhas pernas me fizeram dobrar o corredor para o acesso da cozinha. Atrás de mim eu escutava passos lentos que foram se tornando semelhantemente rápidos aos meus, confiei em meus ouvidos e não tive coragem de olhar para trás.

Cheguei na cozinha, abri a primeira gaveta que vi em minha frente em busca de algo para usar como arma. Contra o meu melhor amigo. Meu melhor amigo zumbi. Controlado por um ser que não tenho

a mínima ideia do que seja. Achei uma faca no instante em que ouvi a porta atrás de mim se abrir novamente, eu não queria fazê-lo, mas preferiria lutar do que viver em um loop de mortes.

Me virei e enfiei uma faca diretamente em sua cabeça, androides não tem crânio. Ele estava correndo, então seu corpo caiu em cima do meu. O seu sangue se misturava lentamente com minhas lágrimas, lágrimas de culpa. Como eu faria para contar para Carl que havia matado seu filho, meu melhor amigo? O seu sangue se espalhava no cinza de minhas mãos tremulas, lentamente a faca cai ao lado de meu rosto, o corpo dele pesa como a culpa que vou levar para meu túmulo.

Em meio a lágrimas, sinto algo se mexer. Patas finas e longas manchadas de sangue num corpo similar a uma mão de textura viscosa saem do buraco presente em sua cabeça, sinto ela subir em meu pescoço e sem hesitar, aceito meu destino, deixo que entre em minha mente. Eu já não aguentava mais ter que lidar com meu cérebro tormentoso, talvez um ser alienígena lide melhor.

NOTAS DE AUTORIA

Fernanda Outeiro Domingues é estudante do 1º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC.

Contato: outeiro.fernanda@gmail.com

George França é Doutor em Literatura pela UFSC e Professor do Colégio de Aplicação da UFSC. Este conto foi produzido sob sua orientação, na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, no primeiro ano do Ensino Médio, em Atividade Pedagógica Não Presencial. Tratava-se de uma atividade prévia à leitura de **História da sua vida** (1997), conto de Ted Chiang, que inspirou o filme **A chegada** (Arrival, 2016, dir. Denis Villeneuve). A partir do texto, foram discutidas as noções de língua e linguagem, o trabalho dos linguistas, a relação entre língua, cultura e

percepção da realidade e entre a linguagem e os campos do saber como a Física e a Matemática.

Contato: francalgeorge@gmail.com

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

OUTEIRO, F. Um loop mortal: perguntas criadas em uma fração de segundos. [Sobre Tudo](#), v. 12, n. 2, p. 357-367, 2021.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista [Sobre Tudo](#) os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da Revista [Sobre Tudo](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 18/06/2021

Aprovado em: 15/07/2021

Publicado em: 16/12/2021